

Do ofício, do sangue e do sagrado: uma análise sobre a religiosidade numa comunidade de mineiros de carvão¹

Marta Cioccarì As práticas religiosas no contexto da comunidade de mineiros de carvão de Minas do Leão (RS) expandiram-se ao longo de meio século de história local relacionadas principalmente à busca de proteção contra o perigo de acidentes na mina subterrânea. Mas a diversidade de crenças e de ritos religiosos atravessa toda a tessitura minimalista de redes familiares, de amizade e de compadrio no cotidiano desta pequena cidade interiorana. Nesse cenário, o que se pode chamar de “religioso” recebe formas variadas, móveis e o que se pode captar durante o trabalho de campo é, certamente, um esboço pálido da complexidade e da intensidade com que se dão essas procuras em torno de uma acolhida divina, de um sentido mesmo para a vida diante das tragédias, das formas de superar as aflições e driblar as dificuldades miúdas da existência. Emergem aqui e ali negociações e ações de reciprocidade individuais e coletivas com o sagrado, com o “outro mundo” – das quais as preces, envolvendo pedidos e promessas, são uma parte emblemática. Os dados sobre os quais me debruço neste artigo foram obtidos em duas fases de observação, realizadas, respectivamente, em 2003, durante estudo de mestrado, e entre 2006 e 2007, quando habitei durante seis meses na comunidade para conduzir minha pesquisa de doutorado².

Meu objetivo, neste trabalho, é esmiuçar algumas formas de comunicação com o sagrado a partir de fenômenos “institucionalizados” e outros, “desinstitucionalizados”, e que dizem respeito a uma “religião sem Igreja e sem religiosidade”³, nos termos de Duarte (2005), ou mesmo a dinâmicas da “religião pessoal”, na definição de James (1995).⁴ A partir desta noção, tratarei da devoção a “mortos milagrosos” e a “almas familiares”. No contexto de uma localidade formada em torno da mineração de carvão, pode-se dizer que a prece, a oração ou a “reza”, como sugere Mauss (1909:6), é uma comunicação com o sobrenatural, em meio a um culto individual ou coletivo.⁵

A partir dos anos 90, a paisagem religiosa⁶ de Minas do Leão transformou-se rapidamente, em meio a uma ampla e complexa gama de possibilidades surgidas

no cotidiano dos moradores desta cidade de cerca de 8 mil habitantes, situada a 90 quilômetros de Porto Alegre. Para que se compreenda o impacto de tais mudanças é preciso vê-las em consonância com as transformações sociais sofridas diante do quase desaparecimento da atividade que gerou a antiga vila mineira e que conferiu um ethos a esses trabalhadores. Durante o trabalho de campo, eram freqüentes as referências ao empobrecimento e à crise que assolou a cidade desde o fechamento da última mina de subsolo, em 2002. Atualmente, continuam em operação minas a céu aberto, mas representando baixa geração de empregos. Este cenário de inquietações e frustrações pessoais tem sido propício para a expansão do pentecostalismo e de cultos afros.⁷

Nos anos 40, quando se formou o primeiro aglomerado da vila operária de Minas do Leão, surgiu inicialmente na localidade a Igreja Católica - estimulando a devoção à Santa Bárbara, a padroeira dos mineiros, e à Nossa Senhora Aparecida, posteriormente padroeira da cidade – e o primeiro centro de umbanda local, batizado de caboclo Manuel Botafogo, até hoje considerado como “linha branca” por médiuns e freqüentadores. As duas instituições religiosas receberam o incentivo material e simbólico da companhia de mineração. Ao longo desse período, para muitos informantes, as freqüências e pertencimentos não eram exclusivos, mas concomitantes entre as duas tradições. Ainda que esse sincretismo operasse às vezes de forma harmônica, podia ser gerador de conflitos no interior das famílias. Julia⁸ me contava que, décadas antes, sua mãe havia se curado de um câncer graças ao trabalho do pai-de-santo que dirigia o centro de umbanda. A família se considerava então católica “não praticante”. A eficácia do tratamento foi reconhecida pelo marido da doente, mas não o vínculo daquela prática com o sagrado. Julia narra que, após a cura, sua mãe continuou freqüentando o centro de umbanda, mas seu pai temia aquele envolvimento, porque considerava não ser “uma coisa de Deus”. O mineiro reagia assim: “Agradeço muito a ele por ter curado; ela está criando os filhos, mas isso não é de Deus”.

Na época em que fez este relato, em 2006, Julia, 60 anos, havia experimentado, ela mesma, mudanças em seu sistema de crenças. Havia voltado a freqüentar a Igreja Católica, pertencimento esse que tinha se iniciado ainda na adolescência, após um breve período de iniciação na umbanda pelas mãos da mãe. O retorno à católica representava de fato uma nova mudança em sua prática religiosa, já que quando a conheci, em 2003, ela freqüentava uma Igreja Evangélica, acompanhando a opção de seus três filhos e de parentes do marido. Em 2008, quando estive novamente em sua casa, pude constatar que ninguém mais do núcleo familiar mantinha a freqüência continuada à Igreja Evangélica, com exceção de parentes do marido. A flutuação, assim como a manutenção de práticas paralelas – e seus desdobramentos em conflitos internos e externos ao grupo doméstico – se complexificou não apenas pelo aparecimento de novas denominações evangélicas e de novos centros afro-espíritas na localidade, mas também pela existência de práticas informais, envolvendo as “promessas” a um morto milagroso ou os “pedidos de ajuda” a parentes mortos.⁹

Numa comunidade com forte tradição católica - ensejada tanto pelo expressivo número de imigrantes poloneses, alemães e italianos como pela adesão aos ritos à Santa Bárbara que mobilizam as vilas mineiras no Brasil e em países europeus – é de se surpreender que, naquele período da pesquisa, a Igreja Católica reunisse menos da metade do total de praticantes de alguma religião na cidade. Pelo menos era esse o cálculo do padre Wilson,

primeiro pároco da cidade, emancipada da vizinha Butiá em 1992. O padre, nascido em São Paulo, estimava que os fiéis católicos corresponderem uma proporção entre 40% e 50% do total de moradores¹⁰. Ele explicava que a Igreja Católica perdeu fiéis para as evangélicas porque não oferecia um atendimento mais direto à população. Antes de sua chegada, ocorriam apenas duas missas semanais rezadas pelo pároco da cidade vizinha. Depois, “muitos, que estavam participando de outras religiões, começaram a voltar à Igreja Católica”. A expressão “outras religiões” é recorrente na fala dos moradores, muitos deles guardando certa perplexidade diante da rápida expansão dessa alteridade evangélica que se avizinha, conquistando adeptos entre vizinhos e parentes. Cerca de dez denominações evangélicas haviam se estabelecido na cidade até o final de 2008.

Algumas práticas religiosas podem ser melhor compreendidas se levarmos em conta também os sistemas de valores vigentes na comunidade. Em Minas do Leão, é notável que a rede de pessoas “com quem se pode contar” agrega, além de familiares, a vizinhança, as amizades, as relações de compadrio e de patronagem. Há uma forte valorização da *reputação* (Bailey, 1971), e também das relações pessoais, que são consideradas indispensáveis para o êxito do indivíduo. Os nativos utilizam a palavra “cunha”, equivalente a “pistolão”, para dizer que sempre se depende de “alguém influente”, de “uma boa cunha”¹¹ para se obter um emprego, uma bolsa de estudos para os filhos, uma vaga no time de futebol, etc. “Cunha”¹², segundo me explicava o ex-mineiro Adir, 62 anos, é a relação com alguém influente que “ajude” a pessoa. Assim, no caso de uma vaga de emprego, “é preciso ter uma cunha muito boa, senão não pega. Tem que ter as cunhas, tem que ter enjambração, senão não pega”.

A dimensão do compadrio está, como bem indicou Pitt-Rivers (1971), imbricada com uma concepção de amizade que deve ser “desinteressada”, mas que é inaugurada por algum “favor” que se presta ou que se recebe e que demanda reciprocidade (Mauss, 2001). Em Minas do Leão, as relações de compadrio são referidas livremente e podem ser lidas nos principais acontecimentos sociais, enquanto que a patronagem manifesta-se tanto na forma de “cunhas” como na “ajuda” financeira ou prestação de favores em troca de votos ou apoio eleitoral. Esses laços contratuais se aproximam da abordagem de Foster (1967).¹³ Ainda que se possa relativizar o caráter “diádico” dessas relações – pois muitas vezes existem mais agentes envolvidos –, essas análises contribuem para a reflexão em torno das trocas simbólicas envolvendo seres humanos e sobrenaturais, sob a forma de “pedidos” e “promessas”.

SANTA BÁRBARA: DEVOTOS DE UMA INTERCESSORA

A crença religiosa sempre foi uma arma dos trabalhadores da mineração no subsolo para enfrentar o medo da mina e o risco de acidentes. A mina de Leão I, desativada em fevereiro de 2002, mantinha uma imagem de Santa Bárbara, a padroeira dos mineiros, numa capelinha na boca do poço. Ao descer da “gaiola”, os operários costumavam “se benzer” diante da santa antes de começar a jornada. Todos os anos, no dia 4 de dezembro, as comunidades mineiras realizam a Festa de Santa Bárbara, com a celebração de uma missa na qual a santa é louvada. Numa das edições da festa a que assisti, cerca de 100 pessoas participaram da missa, realizada no pátio da companhia. Ao lado do altar

improvisado, dois grupos de homens com uniformes de duas companhias carboníferas seguravam nas mãos os seus capacetes de trabalho. Atrás do altar, camionetas das empresas carregavam imagens da santa. A cerimônia conduzida pelo padre Wilson era animada por um coro de crianças e adultos, ao som de um violão. Na celebração, o padre contava a história de Santa Bárbara¹⁴, uma narrativa que remete à recusa de valores familiares pagãos em nome da opção pelo cristianismo. Ele enfatizava seu papel de “mediadora” junto a Deus. As preces cantadas em coro pelos fiéis durante a celebração apelavam a essa missão da santa: “Santa Bárbara, rogai por nós, intercedei a Deus por nós”. Luizão, ex-mineiro de subsolo que passou a trabalhar na superfície desde o fechamento da mina subterrânea, foi à frente ler seu pedido. O coro de vozes voltava a exaltar a santa: “Santa Bárbara, rogai por nós, intercedei a Deus por Nós”. Na seqüência, o sacerdote fazia uma oração pelos trabalhadores da mina.

Após o canto louvando Santa Bárbara, os mineiros carregavam as oferendas até o altar. Ali eram colocados equipamentos usados no trabalho no subsolo: lâmpadas de carbureto utilizadas no passado e capacetes de proteção. Essas oferendas reafirmavam a identidade daquele culto com o ofício de mineiro. Após a missa, uma procissão de carros percorria os 10 quilômetros que separam Minas do Leão da cidade vizinha, onde se localiza a Capela de Santa Bárbara. O som de buzinas e os fogos de artifício levavam para as calçadas os moradores que acenavam à passagem da santa. Em Butiá, os mineiros carregavam as imagens ao interior da capela, já lotada de fiéis. Ali, o pároco local rezava mais uma missa. À noite, um baile completaria a festividade. Nas conversas que mantive, percebia que a devoção à Santa Bárbara convivía com o culto a outros santos ou a outros seres sobrenaturais. Durante o trajeto de carro, Ana Lúcia, mulher do ex-mineiro Alfredo, contava-me sobre as santas nas quais depositava mais fé.

A minha fé até é em Nossa Senhora Aparecida. Mas eu rezei tanto [à Santa Bárbara] pra agradecer que meu marido conseguiu se aposentar na mina... Ele teve alguns acidentes, então depois parece que a gente se agarra mais com ela. E agora mesmo, tu viu a procissão, eu me emociono, sabe. (...) Tenho bastante fé, eu acho que com fé eu consigo tudo o que eu... tudo o que eu quero. Eu, se eu tiver Deus comigo, ninguém, nada vai me destruir.

Como muitos outros moradores, Ana Lúcia cultuava duas santas, mantendo também a sua devoção diretamente a Deus. Segundo me dizia, “vive de promessas”. Revelou que, na época, havia feito uma promessa a Nossa Senhora Aparecida para que o filho conseguisse um estágio na CRM, empresa na qual o marido trabalhou. Por seu relato, percebe-se que o devoto muitas vezes faz pedidos em favor de um terceiro. Ela manifestava sua gratidão pela ajuda que Santa Bárbara teria dado ao marido, protegendo-o na mina e possibilitando sua aposentadoria, e solicitava a intervenção de Nossa Senhora Aparecida para ajudar o filho. Nos dois exemplos, estão em jogo as necessidades de sobrevivência material. Pode-se supor que à aliança com as santas são agregadas alianças com “cunhas”, com pessoas influentes de suas relações que as ajudem a alcançar o objetivo almejado. Por sua vez, o marido de Ana Lúcia, Alfredo, dedica esse mesmo reconhecimento a outro “morto especial” (Brown 1981) que não se tornou santo: Godoy, o morto milagroso de que tratarei adiante. Os informantes que revelavam o conteúdo de pedidos ou de promessas mencionavam principalmente o desemprego, seu ou de familiares, assim como

problemas de saúde da própria pessoa ou de alguém da família. Mas o leque de pedidos é mais vasto, envolvendo desde o êxito de candidatos nas eleições municipais, conquista ou a superação de obstáculos na vida amorosa, até vitórias das equipes de futebol. Osvaldo, ex-mineiro e ex-jogador de uma das equipes de futebol ligadas às minas, contava que chegou a fazer promessa a Nossa Senhora Aparecida para que seu clube varziano vencesse um campeonato, mas como “o time era muito bom”, não soube se a vitória se devia à ajuda da santa ou ao mérito da equipe: “É, essa era a questão, não sei quanto o santo tava me ajudando... ou a gente que tava jogando bem”. Como uma coisa podia ajudar a outra, achou justo pagar a promessa.

Dona Maria, viúva e mãe de mineiro, contava que costumava rezar a mais de uma santa. Havia mais de uma década ela vinha agradecendo à Nossa Senhora Aparecida as graças obtidas na recuperação de sua saúde. A luta contra um câncer demandava da velha senhora tanto a busca de recursos médicos como espirituais. Dizia que Nossa Senhora Aparecida a havia retirado de uma cama de hospital. Para agradecer a intervenção, participava de novenas e missas em sua homenagem e também fazia suas orações individuais. Dona Maria costumava evocar Santa Bárbara nas noites de temporal, pois acreditava que esta santa teria poderes para acalmar o tempo. Nestas ocasiões, acendia uma vela e rezava para a protetora. Um aspecto já abordado por Menezes (2004) e que aparece no relato de meus interlocutores diz respeito às “especialidades” de cada santo, embora existam também razões pessoais nas quais os devotos se baseiam para selecionar a divindade à qual vão dirigir seus pedidos.

Isaura, ministra da Igreja Católica, rezava à Santa Bárbara principalmente “quando se arma o tempo”, pedindo a proteção da divindade diante dos temporais. Mas, sendo esposa de mineiro, não se esquecia da outra missão da santa, relacionada à proteção dos trabalhadores no subsolo. “O pessoal tem bastante fé na Santa Bárbara, é a padroeira dos mineiros, então a gente se apegava a ela”. Pode-se notar nos depoimentos as expressões de confiança, de carinho e de intimidade relacionados à santa, traduzido em termos como “apegar-se”, “agarrar-se” à santa, ou nos diminutivos “santinha”, “padroeirinha”, usados pelos informantes. O marido de Isaura, Valdemar, chegou a trabalhar no subsolo durante cinco anos, período no qual aprendeu a cultuar Santa Bárbara.

A gente tinha a santinha lá embaixo, então a gente, quando baixava à mina, sempre tinha um momento de reflexão, e depois até no meu último período no subsolo eu trabalhei ali, na boca do poço. (...) Passava às vezes só eu e ela [a santa] seis horas ali. Então, a gente tem uma fé...

Nesses momentos de solidão compartilhada, costumava “conversar” com a santa, quando falava de seus problemas. Mas a padroeira era, antes de tudo, uma “presença” que lhe dava alento. Contou-me que colegas “de outras religiões” - referindo-se a evangélicos - desfaziam desta devoção à Santa Bárbara, atribuindo à presença daquela imagem as razões da decadência da mina.

O ex-mineiro Alexandrino, lançando mão de um amplo leque de proteção, como Santa Bárbara, Divino Espírito Santo, Jesus Cristo e Santa Terezinha, acreditava que sua fé o havia protegido dos perigos a que estava sujeito na atividade de mineração. Seu ex-colega de mina, Adir, e a mulher dele, Ivete, mantinham uma imagem de Santa Bárbara em sua casa. Quando fui visitá-los, eles relatavam sobre uma ocasião em que a empresa não quis

conceder o feriado no dia de Santa Bárbara e que esta se manifestou “armando um temporal”. Em sua crença há uma inversão na qual a santa, que protege do mau tempo, lança mão de um temporal para sinalizar seu desagrado.

Mulher do ex-mineiro Tadeu, Carla estava freqüentando a Igreja Universal do Reino de Deus. Mas a sua recente aproximação à Igreja Evangélica não a impedia de cumprir uma promessa feita à Santa Bárbara uma década antes.

Carla - Eu pedi pra proteger os mineiros, desde o dia que meu cunhado morreu na mina, eu fiz essa promessa. Graças a deus, nunca mais ninguém.. [morreu na mina]. Eu pedi por todos, todos, todos os mineiros. (...) E graças a Deus e a ela [a santa], nunca mais aconteceu nenhum acidente.

- Então, tu sentes que ela atende mesmo.

Carla - Sim, claro. Ela escuta, sim, porque no momento em que eu confiei nela, ela me ouviu, e, como prometi, eu cumpro.

Carla fez a promessa em 1991, quando a queda de um elevador no interior da mina matou um irmão do marido. Desde então, o casal acompanha todos os anos a missa e a procissão de Santa Bárbara. Alguns aspectos da relação entre santo e devoto são evidenciados em seu depoimento, como a necessária confiança na santa, que neste caso inaugura a relação, depois a “escuta” da divindade ao pedido formulado (ficando implícita a também a concessão da graça) e o cumprimento da promessa pelo devoto. No caso de Carla, o pagamento da promessa não dizia respeito a uma ação apenas, mas a uma sucessão de ações, renovadas continuamente, já que ela havia se comprometido a participar todos os anos das homenagens à santa. Seu relato evidenciava três momentos: o pedido (ou promessa), a “escuta” e concessão da graça pelo santo e o agradecimento. Para muitos informantes, esse circuito se renova continuamente, sendo o agradecimento sucedido por um novo pedido. O caso de Carla, como foi dito, guarda suas especificidades. Mesmo com a desativação da mina de subsolo, em 2002, ela continuou renovando seu agradecimento a Santa Bárbara nos anos seguintes. A “graça” solicitada visava ajudar não apenas o marido, mas todos os trabalhadores da mina. Vito empenhava-se, por sua vez, no cumprimento da promessa feita pela mulher. Encontrei com o casal nas celebrações à Santa Bárbara nas duas ocasiões em que participei da procissão, em 2003 e em 2006. No cotidiano do mineiro Vito, a prece diante da imagem da santa era mais um ato corporal e de pensamento do que verbal.

A gente... quando chegava sempre tinha uma [imagem] na entrada da mina, acho que tu viu ali... A gente sempre se benzia, sempre a gente fazia o sinal da cruz ali. Era isso aí que a gente fazia. Até pra baixar à mina a gente fazia esse tipo de coisa.

Na jornada diária, manter uma conexão com a santa já era uma maneira de evocar a sua proteção. A eficácia da proteção está relacionada à crença do trabalhador, mas para manter o dinamismo dessa relação é preciso lembrar-se de “agradecer”. Mesmo quando não há um pedido explicitamente formulado, o agradecimento renova o laço com o santo. Pode-se observar, também, que há uma categoria de pedidos que não está relacionada à expectativa de que “algo aconteça”, ou que “algo extraordinário aconteça” ou que demande a realização de um “milagre”.

Muitos pedidos são para que santa interceda no sentido de que “nada aconteça” ou que “nada de extraordinário aconteça”, ou seja, que impeça os acidentes na mina.

Mesmo para quem já não cultua a santa, devido à aproximação com uma Igreja Evangélica, como era o caso de Juca quando o conheci, ficava latente uma dúvida: a quem ele devia a gratidão por ter saído da mina com saúde? Tinha sido beneficiado com a proteção de Deus ou de Santa Bárbara? A primeira visita que fiz à família de Juca foi em 4 de dezembro de 2003, dia da festividade de Santa Bárbara. O diálogo travado na ocasião exibiu o conflito que as mudanças no sistema de crenças haviam provocado na família. “Pois é, a padroeira dos mineiros... Quem sabe se eu tô aqui não agradeço àquela santinha, né”, disse-me o mineiro, pensativo. Referia-se ao fato de que talvez ainda estivesse vivo depois de anos trabalhando no subsolo devido à intervenção de Santa Bárbara. Ele contou então que, no passado, tinha sido devoto dela. Não perdia uma procissão e ainda carregava sua imagem usando o “fardamento” de mineiro. Mas naquele momento da nossa conversa desconfiava que “aquela santinha” talvez não tivesse tanto poder assim: “Sei lá, acho que o maior é Deus mesmo”. Os valores familiares estavam se redefinindo em função de uma mudança na religiosidade. Antes católica, a família estava freqüentando a Igreja Evangélica Sara Nossa Terra.

“DEUS DÁ O TEU PODER NO SILÊNCIO”: DA AMIZADE COM DEUS SEGUNDO JUCA

Muitos dos meus interlocutores mencionavam que, durante o período da mineração subterrânea, o momento da descida ao subsolo era, em geral, acompanhado de uma prece que, por vezes, fugia das fórmulas consolidadas, configurando uma “relação pessoal” com Deus. É o caso de Juca, 64 anos, mineiro de subsolo por mais de 20 anos. Ele contou que, naquele período, sempre conviveu com o medo – do acidente, da morte e dos fantasmas da mina subterrânea. Apegava-se à fé para enfrentar o cotidiano difícil e perigoso, mas sem se afiliar a nenhuma religião em especial.

Juca - Deus é que sabe... eu botei a minha vida nas mãos de Deus, como boto até hoje. Mas, quando eu tava na mina, eu subia e descia sempre pensando em Deus.

- O senhor rezava?

Juca - Eu sempre rezei na mina, eu sempre pedi pra Deus me ajudar. Eu sempre pedia que Deus não me levasse, que eu tinha muito medo de morrer e deixar meus filhos pequenos.

Nota-se uma intimidade construída nesta relação, de forma “Deus sabe” o que se passa com o mineiro. “Pensar em Deus” era já uma forma de oração, ainda que este informante também tivesse inventado suas próprias modalidades de preces. Neste relato, como em outros, está presente a idéia de é preciso contar com a “ajuda” de Deus, com o pedido dizendo respeito à busca de proteção. Há a noção de que o homem que morre é “levado” por Deus, de forma que se pede a Ele para ser poupado, já que é Ele quem tem o poder de decidir sobre a vida ou a morte.

Juca é proveniente de uma família numerosa. Seus pais, juntos, tiveram seis filhos, mas ao total criaram 15, contando as crianças nascidas de seus casamentos anteriores, pois ambos eram viúvos. Ele cresceu num ambiente católico, ainda que os pais não tivessem o hábito de ir à igreja. “Era só Deus e pronto”, define. Mas a família também lançava mão de promessas a santos e recorria a benzeduras em caso de doenças dos filhos. Meu informante relata que se criou “sem nenhuma doutrina”, ainda que seu pai, carreteiro de profissão e muito rígido no trato com os filhos, estivesse sempre com “uma Bibliazinha”. A esposa de Juca, Julia, recorda-se que em sua família as preces eram endereçadas diretamente a Deus. Longe dos serviços médicos, orar era o recurso. “Quando adoecia um filho, minha mãe pedia a Deus pra não deixar morrer”.

No cotidiano da mina em que Juca trabalhava, não eram os riscos de desabamentos – sempre presentes – o que mais o perturbava, mas as histórias contadas pelos colegas de trabalho sobre as almas dos companheiros mortos em acidentes que ficariam vagando nas galerias onde aconteceram essas tragédias. Meu informante tem uma definição bastante peculiar do que seja o mundo da mineração subterrânea: “A mina é assim uma caixa de segredos que ninguém assim descobre o significado”, enunciava, explicando que Deus dá a cada um uma forma, “um dom para que seja diferente dos outros”, de maneira que nem todos têm as mesmas capacidades. Durante o longo tempo de trabalho no subsolo, afirmava que “nunca viu nada”, mas recordava-se que alguns colegas de trabalho viam pessoas que já não existiam e outros ouviam vozes dos mortos na escuridão da mina. “Então, tinha muito mistério embaixo da mina. Pelo que contavam, existia muito mistério. Agora, eu não sei se é porque Deus é muito meu amigo e sabe que eu não tenho muita coragem pra ver essas coisas... Deus me livrou de qualquer coisa”. O ex-mineiro mencionava que a necessidade obriga a pessoa a fazer muitas coisas que ela não faria se não fossem as circunstâncias. Recordava-se então dos momentos em que descia sozinho à mina. Naquela época, era madeireiro, e ainda que estivesse com “um medo terrível”, baixava antes ao subsolo para tentar garantir condições melhores de trabalho, como um carro que funcionasse melhor. O medo que o acompanhava não era apenas relacionado ao temor de acidentes, como foi dito, mas o de deparar-se com a fantasmagoria da mina. Daí surgia uma motivação para as preces.

Um via assombro, outro via um vulto, um ouvia uma fala. Então, eu tinha medo daquilo ali, eu tinha medo. Outra coisa que me deixava com os nervos muito à flor da pele eram as pessoas que morreram na mina... Às vezes, a gente tinha que passar naquele local ali sozinho, então, eu sentia medo, eu sentia medo. Dava arrepio, dava aquele tique-tique nervoso. Fazer o quê? Eu precisava, eu tinha que fazer. Eu conversava com Deus: “Senhor, eu não tô aqui por abuso. O senhor sabe da minha precisão, da minha necessidade, o senhor me livre...”

(...)

Então, a gente, quando teme uma coisa, tem um medo, tem um sestro de alguma coisa e se é católico, se pega ao nome do senhor. Eu rezava muito, eu pedia: “Pô, senhor, o senhor sabe que eu tô aqui não por abuso, tô por necessidade, me deixe trabalhar sossegado, não me mostre nada. Eu não quero ver, se existem as coisas do outro mundo.” (...)

Desta forma, Juca “conversava” com Deus para que Ele o livrasse de “visões” que pudessem amedrontá-lo durante a permanência nas galerias subterrâneas. E lançava mão de seus argumentos: sendo seu amigo íntimo,

Deus “sabia” da sua “necessidade” de trabalhar ali, sabia que ele não estava ali por “abuso”, ou seja, por capricho ou aventura. Ele queria apenas continuar a trabalhar sem ser perturbado por alguma comunicação com o mundo dos mortos. Como outros mineiros que conheci, em determinados dias, Juca tinha seus “pressentimentos” quantos aos perigos da mina. Numa ocasião, já havia saído para o trabalho, mas acabou voltando para casa com a sensação de que aquele dia “seria impróprio”, que “alguma coisa” iria lhe acontecer. Nestes momentos, acreditava que fosse uma comunicação divina. “Parece assim que eu tinha um aviso que eu não fosse...”¹⁵ Quando isso acontecia, ia até o médico da companhia e, após contar a sua história, solicitava um atestado, justificando que tinha um “pressentimento ruim”. Dizia ao médico que isso talvez fosse decorrente de seu “estado nervoso” diante da perda de colegas em “acidentes terríveis” ocorridos na mina. No dia seguinte, tudo se serenava e ele podia voltar a trabalhar. No período que se seguia a um acidente fatal, era difícil para os operários retornarem à mina. Se não fossem os compromissos familiares, muitos teriam desistido daquela profissão.

Embora tivesse recebido uma influência familiar católica, Juca sempre manteve uma religiosidade pessoal, combinando na sua crença elementos de diferentes tradições religiosas. Mas, sobretudo, mantinha uma forma de comunicação com Deus sem passar por intermediários nem por instituições. Contava-me que “nunca foi de fazer promessa” fosse para santos ou mesmo para Godoy, o morto milagroso da localidade. Ainda que tivesse tentado algumas aproximações com as Igrejas Evangélicas, convidado tanto por amigos, como pelo irmão que se convertera à Igreja Sara Nossa Terra, continuou a desconfiar da veracidade dos fenômenos ocorridos nesses cultos.

Juca - Hoje tu conversa com um da Assembléia [de Deus], ou da Sara [Nossa Terra], e a primeira coisa que ele te diz: “Eu tive uma visão, meu Deus me mostrou...”(Faz um ar de ceticismo). Ah! Deus é tão puro, tão bom, tão reservado que ele observa sem se manifestar. E tu não viu visão coisa nenhuma...

Nívia, a nora - Isso é coisa que acontece! Isso acontece de ver, mas tem que ser uma pessoa muuito... que Deus dê para ela...

Juca - Deus vai mostrar visão pra pecador?! Deus te dá o teu poder é lá no silêncio. Não é assim: todo mundo vê visão, todo mundo... Um pecador falando: “Deus me mostrou isso”, “que Deus me mostrou uma visão...”, “tive uma visão”. Que nada! O que ele tem é que tá vidrado por aquilo ali, obcecado por aquela religião. Não tem que colocar ninguém... Tem que criar, tem que ser criativa a coisa, mas não é por aí.

Neste período, sua nora, Nívia, freqüentava uma Igreja Evangélica, de forma que eram freqüentes as discordâncias quando falavam sobre o tema. Em seu discurso, Juca adotava um tom racional e crítico com relação às crenças pentecostais, mas estava, sobretudo, sustentando suas próprias convicções acerca de Deus, como um ser reservado, puro, que observa sem se manifestar. Ele desconfiava dos poderes que são conferidos a um pastor, defendendo que é a fé da pessoa, a palavra dirigida a Deus no momento da prece que se torna sagrada e que pode curá-la se ela estiver doente, sem a necessidade de uma intermediação terrena e de rituais como os promovidos nos cultos.

Juca - Agora, a palavra... a palavra é uma coisa tão santa, tão pura que com a tua fé tu te cura. Te cura com a tua fé. Deus é tão bom, ele te dá a tua fé... Deus não dá visão pra mim, tu acha que Deus vai dar visão a um pecador? Sem freqüentar uma igreja, sem ler a Bíblia, eu não vou ter a ilusão coisa nenhuma! Agora, Deus, ele é tão bom, que até debaixo daquela árvore ali eu faço um pedido e sou atendido. Ele é tão bom que faz isso! Agora, não vai me dar

visão. Eu vou querer profetizar a vida da Nívia... [a nora], isso aí não tem... Isso aí eles criam pro desenvolvimento da igreja deles. “Eu quero que a minha paróquia cresça... Eu vou dizer que eu faço... que eu tenho uma visão. Lá curamos um paralítico, um cego voltou a enxergar”.

Nívia - Não, (...) eles dizem: “Gente, eu tô aqui em nome de Deus, eu tô ensinando vocês, mas eu não vou curar vocês. É Deus que tá fazendo isso”. É Deus, não é o pastor que cura, é Deus que tá curando.

Num tom jocoso, usado para provocar a nora, Juca dizia que ele próprio é “um homem de Deus”, mas que “ainda não encontrou a casa Dele, pra fazer-lhe uma visita”. Sua narrativa oscilava entre certo fascínio pelos fenômenos ocorridos no culto evangélico e o ceticismo – acompanhado de temor e de humor – em face dessas experiências. Esse sentimento ambíguo é estendido na sua conversa com Deus, quando ele alimenta a expectativa de “cair” ao chão, tocado pelo Espírito Santo, durante um culto evangélico do qual participou, mas ao mesmo tempo pede a Deus que não deixe que isso aconteça se aquele fenômeno não estiver “ligado a Ele”. Em meio a esta prece ambígua, o próprio mineiro tem dificuldades para interpretar o que seria a resposta divina: Deus teria se esquecido dele? Já não lhe daria uma prova de seu amor por ele? Ou não era mesmo uma manifestação divina e ele foi poupado? Nem todas as suas experiências com os cultos evangélicos renderam-lhe frustrações. Mencionava uma ocasião na qual foi convidado a ser padrinho de um casal na cerimônia de seu casamento na Igreja Deus é Amor. Durante a pregação, o pastor solicitou às pessoas que estivessem com problemas de saúde para que passassem à frente. Juca, que estava com uma forte dor no pescoço, apresentou-se.

Juca - Eu vou dar cinco reais pra essa entidade, essa igreja, mas pelo amor de Deus, tira essa dor do meu pescoço que eu não agüento mais! Ele [o pastor] botou a mão na minha cabeça e foi como tirar a dor com a mão. Eu cheguei lá no banco e falei pra Julia [a esposa]: “Pelo amor de Deus, Julia, foi tudo por água baixo a minha dor...”

Nívia - A oração dele foi tão forte que...

Juca - A minha fé é que é fraca... (risos) Mas Deus é muito bom pra mim, é uma maravilha. Deus o livre! (...) Converso com ele, ah, converso! E diz que Deus é amor, acho que é mesmo, que tem amor por nós. Deu seu sangue pra lavar os nossos pecados. (risos)

É nessa mescla de irreverência e de jocosidade com os ritos e as doutrinas instituídas, mas também de crença sincera e criativa, baseada numa “relação pessoal” com Deus, que Juca alicerça sua religiosidade singular. Suas preces traduzem este misto entre o respeito e o amor ao sagrado e o entendimento de que Deus - embora seja um ente próximo, convertido num “amigo” - prefere manter-se discreto e reservado, operando suas obras no silêncio, indiferente às performances dos que se julgam seus intermediários. Ainda que Deus, considerado na perspectiva de Juca, seja a expressão da pureza e do sagrado, seu depoimento transmite a viva impressão de que Ele, por obra de certo antropomorfismo, teria grande senso de humor diante das vicissitudes humanas.

GODOY: O CULTO A UM MORTO MILAGROSO

A primeira vez que ouvi falar do “túmulo de Godoy” foi, curiosamente, durante uma procissão homenageando Santa Bárbara. Eu perguntava sobre a crença nos poderes da santa, quando Alfredo, um de meus informantes, disse, em tom de confiança, que mais do que na santa confiava nos poderes de Godoy. Foi diante de seu túmulo que pagou duas promessas muito importantes em sua vida. “Fiz promessa pra pegar na mina e depois fiz pra me aposentar”, contou. As promessas foram pagas acendendo velas e despejando cachaça sobre o túmulo. “Encharquei o túmulo dele”, me contava o ex-mineiro, na época já aposentado pela companhia carbonífera.

Segundo uma linha de relatos, Godoy teria sido um empregado de uma propriedade rural, que, com problemas de alcoolismo, morreu afogado num arroio ao cair da ponte num dia de chuva. Outra linha das narrativas menciona que Godoy teria sido um dos primeiros mineiros no tempo da antiga companhia Matarazzo, no início do século XX. Um de meus informantes recordava que, em 1943, já existia próximo à ponte o “Passo do Godoy”, em referência ao homem que estava enterrado ali. Depois disso, teriam surgido as promessas. A trajetória de Godoy e as circunstâncias de sua morte continuam a ser discutidas. Seu Téo, ex-mineiro de 78 anos, ouviu de moradores mais antigos que Godoy teria sido um solteirão muito quieto, reservado mesmo, que se envolveu com uma mulher casada. Algum tempo depois, foi encontrado morto. “Não chegaram a descobrir se ele foi assassinado ou não”, mas pairava a desconfiança. As diferentes versões de sua biografia e da causa de sua morte só fizeram aumentar a aura de mistério que cerca o seu nome. Empregado de uma fazenda ou mineiro, Godoy era um trabalhador que carregava um estigma tanto pela condição social como pelo alcoolismo. Caso tivesse se envolvido com uma mulher casada, teria afrontado ainda mais a moralidade local, num lugar em que os relatos sobre traições e as figuras dos “cornos” despertam grande interesse.

Alguns anos depois de sua morte, uma enchente teria levado água abaixo pedaços do túmulo e do caixão. Posteriormente, o túmulo foi reconstruído e ainda é palco de visitação, de rituais e também de visões¹⁶. Muitos moradores da localidade acreditam que, se rezarem e fizerem promessas diante do túmulo, terão seus pedidos atendidos. Embora sua popularidade tenha se reduzido nas últimas décadas, Godoy ainda é cultuado por moradores e visitantes que acreditam em seu poder milagroso.

Gilberto, 43 anos, católico e descendente de poloneses, que atualmente reza e faz pedidos à sua mãe falecida, contou-me ter sido “devoto” de Godoy no passado.

Ele atendia. É uma lenda. Se tu perguntares para a geração do meu sobrinho, por exemplo, ele não lembra, mas para minha geração era muito presente, porque eu muito levei vela para lá. Estava ruim na escola, ia lá e acendia uma vela. As vezes, quando a coisa tava muito atrapalhada, a gente comprava uma garrafa de cachaça e levava. Mas a vela era muito freqüente. Eu lembro que, quase todas as semanas, a gente tava enrolado com uma coisa ou outra, ia ali e conversava com ele, sentava ali. Tinha inclusive um banquinho pra conversar. Conversava com ele, conversava no túmulo, sentadinho ali. E acendia as velinhas. Eu sempre fiz isso. A minha mãe, quando os negócios tavam mal, vinha aqui. Médicos de Porto Alegre vinham aqui. Muitas pessoas que conviviam com a cidade vinham para cá... Ele era uma lenda da região. Mas não tinha inclusive um rosto dele.

A ausência de uma imagem do morto não reduzia a crença em seus poderes e tornava-se mesmo irrelevante para seus devotos que, como Gilberto, tornavam o momento do culto senão solene¹⁷, mas sério e terno, como numa conversa íntima na qual o visitante abria seu coração para falar de suas aflições e pedia a intercessão daquele espírito, tão próximo dos vivos que poderia entender os seus problemas melhor do que os próprios santos. Gilberto enfatiza essa dimensão da “conversa” com o morto milagroso, uma relação que estava calcada na confiança, na fé, na amizade e na intimidade. Ele narra que o culto a Godoy foi intenso até a década de 80, quando habitantes locais e de outras cidades deslocavam-se para fazer promessas. O “pagamento” era feito com a colocação de oferendas junto ao túmulo, que consistiam em velas acesas e garrafas de cachaça. Segundo outros depoimentos, inclusive doces, flores e cigarros eram depositados no local.

Numa ocasião, decidi visitar o túmulo de Godoy. Na estrada poeirenta que leva ao cemitério, encontrei a ponte sobre um antigo arroio. Apesar de várias indicações, foi preciso a ajuda de um casal que se dirigia ao Centro de Tradições Gaúchas Zeca Freitas, na área ao lado, para encontrar o local, quase escondido por árvores e próximo a um barranco de lama escura. Construída de cimento e ornamentada com flores de plástico, a lápide estava cercada por dezenas de garrafas vazias de cachaça. Sobre o túmulo havia uma vela queimada até a metade e uma caixa de fósforos. O casal que me guiou até ali, um ex-mineiro e sua esposa, contou que havia feito promessas a Godoy. Naquele momento, ele acendeu a vela. Talvez tenha aproveitado para um novo pedido.

Nos anos 80, a companhia de mineração, CRM, proprietária da área, realizou uma obra de drenagem no local que “praticamente passou em cima do túmulo”. Gilberto lamentava que a ação da estatal tivesse desrespeitado as crenças locais, fazendo com que o culto se extraviasse junto com o túmulo, pelo menos por algum tempo. Depois, com a reconstrução da lápide pela prefeitura, o local voltou a ser visitado, principalmente por pessoas que perderam alguma coisa e querem recuperá-la. Meu interlocutor atribuía essa associação ao fato de que Godoy teria sido um homem muito inteligente, dotado de uma memória prodigiosa, mesmo com os problemas de alcoolismo. A forma como o culto foi se dissipando, depois de extraviado o próprio lugar do túmulo na memória dos habitantes, não apenas por uma mudança no regime do imaginário, mas também por uma violação de espaços considerados sagrados, nos remete ao que escreveu Michel De Certeau (1994). Segundo o autor, os relatos e as lendas “que povoam o espaço urbano” são cada vez mais exterminados pela lógica da tecno-estrutura. Para ele, este extermínio - como o das árvores, dos bosques e dos cantos onde vivem as lendas - faz da cidade uma ‘simbólica em sofrimento’, onde há uma “anulação da cidade habitável”. O autor observa que, por esconderem “ricos silêncios” e por “desfiarem histórias sem palavras”, as lendas permitem saídas e espaços de habitabilidade. (De Certeau 1994: 187)

Juca, que nunca fora devoto de Godoy, recordava-se que, quando criança, temia passar perto do túmulo porque diziam que o local era mal-assombrado. Ele duvida dos poderes daquele morto considerado milagroso. “Até hoje tem gente que faz promessa, leva cachaça para o Godoy, leva flores... Mas no fundo, no fundo, não sei se o Godoy faz alguma coisa por alguém, acho que não. (...) Até pode ser. Mas poderoso ele não pode ser porque morreu tomado de cachaça”. Para ele, seria uma contradição alguém que teve uma vida desafortunada obter, após

a morte, poderes para ajudar os vivos. No entanto, outros interlocutores testemunhavam os “milagres”, como Seu Odilon Pitanga, 60 anos, ex-mineiro e ex-treinador de futebol de equipes locais. Depois da entrevista, quando eu já havia desligado o gravador, ele me contou que um mês antes havia feito uma nova promessa a Godoy. Ainda estava esperando receber a “graça”, cujo conteúdo não quis revelar, para então levar velas e cachaça ao túmulo.

Mesmo o ex-mineiro e ex-jogador de futebol amador Osvaldo, que disse nunca ter feito promessa para o morto milagroso¹⁸, ressaltava que “Godoy tem uma história na cidade”, pois “todo mundo acredita nele”. Seu ex-companheiro de time, Lima, recordava-se de que numa ocasião passaram próximo ao túmulo do morto milagroso para ir pescar com amigos. Era um grupo formado por integrantes de equipes amadoras de futebol ligadas às minas. Estavam de bicicleta e cada um carregava consigo uma garrafa de cachaça para espantar o frio. Como um deles, Neco, apelidado pelos amigos de “Satanás”, não havia levado a sua bebida, resolveu “pedir emprestado” a Godoy uma garrafa de cachaça ainda cheia e fechada que estava sobre o túmulo.

Lima – Ele pediu emprestado [ao Godoy]: “Depois te pago”...

- Falou com o Godoy ali?

Lima - Ah é. Aí passou acho que umas duas semanas. Nós voltamos lá no Capão da Várzea também pra pescar, de bicicleta. Era eu, o Jorge [outro jogador de futebol], o Neco... Tinha outro, nós éramos em quatro. Aí nós sabíamos [da história anterior], porque nós tínhamos ido junto. “Ô, Neco, e a cachaça do Godoy aí?”. “Ah, eu não vou dar nada pra esse sem-vergonha”. Quando nós atravessamos os trilhos de ferro ali, dois pneus dele furaram.

Osvaldo - De bicicleta?

Lima - Ahê, de bicicleta. Aí eu disse: “Aí ó... tu não quis pagar a cachaça do cara, agora tu vai a pé se tu quiser...”

Osvaldo - Tu vê como que é...

Lima – Ele teve que deixar a bicicleta dele e ir a pé. E é longe dali. E nós tudo de bicicleta...

– E para vocês nenhum pneu furou?

Lima – Não, não, só o dele, e furou os dois, aquilo ali... nós nos bobeamos, furaram os dois pneus na mesma hora, só de passar os trilhos ali, que tinha uns trilhozinhos (...). Aí quando passamos todo mundo ali... e nós dando risada que ele tinha pegado a cachaça do Godoy. Isso aí não se faz, era besteira da gente. E estourou os pneuzinhos e ele ficou a pé. “Ah, não, mas agora na outra vez que eu vir aí vou trazer a cachaça dele”.

Osvaldo – Pagar a dívida.

Lima – Pagar a dívida. Digo: “É, pára. O que tu tem que tá mexendo com ele?”

São muitas as histórias referindo os roubos de bebidas alcoólicas e de doces deixados para Godoy pelos devotos. Para evitar isso, quem está pagando uma promessa ao morto milagroso costuma abrir a garrafa e esvaziar o conteúdo sobre o túmulo para garantir que a dívida seja devidamente saldada. A crença de que os mortos podem se vingar dos vivos, com ações punitivas, é bastante comum na localidade.

O ex-mineiro Elisiário e sua mulher Ondina me contavam que há várias décadas fazem promessas a Godoy e que o morto milagroso havia “ajudado” a família em várias situações. Numa ocasião, pediram a Godoy para que os ajudasse a encontrar um cavalo desaparecido. O cavalo, atrelado a uma carroça, era usado pelo ex-mineiro

para o transporte de fretes. Constituía-se no ganha-pão que ajudava a complementar a sua aposentadoria da mina. Pouco depois, o cavalo reapareceu. Noutra ocasião, pediram a intercessão do morto milagroso porque o carro do genro havia sido roubado. O carro também foi recuperado. Em todas as ocasiões, as promessas foram pagas com o derramamento de cachaça sobre o túmulo. Ondina lembrava que também já fez promessa para alguém da família encontrar trabalho. “Ele sempre consegue”, dizia ela, confiante. O marido explicava que, primeiro, é preciso que o espírito “mostre o serviço”, depois, é feito o pagamento.

Provenientes de famílias católicas, Elisiário e Ondina acreditam mais nos poderes de Godoy do que nos dos santos. A única exceção feita pela mulher era para a Senhora do Bom Parto, cuja imagem está na parede de sua sala. Trata-se de Nossa Senhora cercada por muitas devotas rezando e carrinhos de bebês ao fundo. Ao lado da santa, outro quadro representava o Menino Jesus de Praga. Ondina me contava que fez promessas para a Nossa Senhora do Bom Parto para que seus quatro filhos naturais tivessem saúde. Para agradecer as graças recebidas, diante de sua imagem acendia uma vela de cor azul no caso do nascimento de um menino, ou rosa, de uma menina.

Desde cedo, Elisiário se familiarizou com promessas. Na infância, coube a ele cumprir uma promessa que sua mãe havia feito a um santo para a superação de problemas de saúde que o menino apresentava. Como o pequeno Elisiário estivesse muito doente, “à beira da morte”, sua mãe prometeu que, caso ele fosse curado, deixaria seus cabelos crescer e o vestiria como uma menina até que completasse sete anos. A graça foi alcançada. E, assim, com um vestido e de cabelos longos, Elisiário ia para a escola, recebendo em cheio as zombarias. A última vez em que vestiu aquela roupa foi para fazer uma fotografia que ainda guarda em casa. Um aspecto significativo deste relato é o de tratar-se de uma promessa que alguém faz em nome de um terceiro e cujo cumprimento depende do engajamento do que é beneficiado pela graça.

No caso do culto a Godoy, chamam atenção as oferendas: velas e cachaça. As velas, em várias tradições, simbolizam a iluminação e são usadas tanto nos cultos católicos como nos rituais de religiões afro-brasileiras. A cachaça ou outra bebida alcoólica costuma ser oferecida às entidades tanto nos rituais de origem africana como nos de origem indígena. Ainda que meus informantes não façam referência a elos que uniriam o morto a uma religião em particular, a trajetória de Godoy e o ritual evocam o sistema de crenças da umbanda, mais propriamente relacionado a Exu. Essa associação foi sugerida pelo padre católico, quando tomou conhecimento do culto. Outros aspectos da devoção nos remetem a Exu, tal como o perfil do morto. Chaia (s/d), ao examinar as representações e práticas consagradas a esta divindade na tradição africana da umbanda no Brasil, analisa que a falange de Exus, presente no culto de possessão da umbanda, refere-se “a indivíduos que em sua existência terrena tiveram formas de comportamento socialmente divergentes ou pertenceram a categorias sociais marginalizadas”. (Chaia s/d: 73-74) De acordo com Bastide (1975), Exu é uma divindade yorubá, portador dos pedidos dos homens aos deuses e dos deuses aos homens - uma espécie de Mercúrio da mitologia grega. Apresenta também outro caráter: ele é “trickster”, prega peças nos humanos, é vingativo e pune quem não lhe rende homenagem (Bastide 1975: 6).

As escassas pistas da biografia de Godoy, assim como os detalhes sobre seu culto, não destoam das narrativas que envolvem outros “mortos milagrosos” no Brasil e na América Latina. Num estudo sobre o fenômeno

na Venezuela, Franco (2001:112) descreve que “morto milagroso” é uma noção popular que designa aqueles que, após a morte, fazem favores e milagres aos vivos, distinguindo-se assim dos mortos comuns. O autor destaca que, em algumas sociedades, os vivos, depois de cumprida a etapa de decomposição do cadáver e do período de luto, mantêm uma relação de reciprocidade e de intercâmbio com seus mortos. Estes “mortos milagrosos” foram em vida personagens singulares, mas não demasiadamente extraordinários. A maioria deles poderia ser qualificada como pessoas comuns, com traços que as destacavam dentro das comunidades, como uma morte trágica, uma vida nada ascética e, alguns casos, licenciosa. Muitos pertenciam a grupos sociais marginalizados, ao mesmo tempo em que eram humanitários e solidários com sua comunidade. Os mortos milagrosos são considerados sagrados por seus devotos porque eles se referem a um morto especial, que “intervém magicamente, nos pequenos detalhes da vida e, às vezes, nos mais graves e importantes, inclusive podendo salvar da morte” (Franco 2001: 112-114). A vida de excessos subverte o modelo dos santos medievais, de uma vida dedicada ao ascetismo, à renúncia e ao martírio¹⁹. Mas esses mortos podem se assemelhar ao mártir pelo sofrimento ou desprezo a que foram submetidos em vida.²⁰

DAS PRECES ÀS ALMAS FAMILIARES

A dimensão do culto a almas familiares aflorou nos depoimentos quando eu buscava conhecer as trajetórias de famílias que foram as primeiras moradoras do lugar. Foi nestas circunstâncias que conheci Gilberto, 43 anos, filho e neto de poloneses, que disse rezar e fazer pedidos à mãe falecida. Deve-se levar em conta que, naquele contexto, as famílias polonesas são um pólo econômico, social e religioso extremamente importante. Católicos fervorosos, os descendentes de poloneses participam ativamente das celebrações e das atividades da Igreja. Mais abastados do que média da população, mantêm seus próprios negócios, ainda que esses também sejam afetados pela decadência da mineração. Entre as décadas de 50 e 70, os avós de Gilberto mantiveram na vila mineira um armazém que vendia “secos e molhados”, com artigos tão diversos como grãos, ferraduras e mortalhas. Atualmente, a família administra uma farmácia. A mãe de Gilberto, Frederica, e o tio, Jacques, vieram da Polônia no pós-guerra, em meados da década de 40, trazendo escondido nas costuras das roupas o ouro obtido com a venda dos bens em seu país. No Brasil, Frederica casou-se com um desertor da Guerra dos Mouros. Com tino para os negócios, ela percebeu que montar uma farmácia poderia ser uma atividade rentável num povoado em que, em função da mineração, muitos trabalhadores apresentavam problemas de saúde. De acordo com o depoimento do filho, ela foi sempre o “carro-chefe” do núcleo familiar. Em suas palavras, era o “esteio” tanto nos negócios como nas relações domésticas. Até um dia antes de sua morte, aos 73 anos, era ela quem cuidava da administração da farmácia. Sua postura centralizadora nas finanças fez com que os filhos tivessem dificuldades para assumir a contabilidade da empresa após a sua morte.

Em Minas do Leão, as famílias “polonesas” costumam casar-se entre si e mantêm profundos laços de amizade em torno de seu círculo. Gilberto lamenta, no entanto, que há uma perda do valor da família e do respeito aos mais velhos nos tempos atuais em comparação com o ambiente no qual cresceu. Atualmente, cerca de 10% dos moradores de Minas do Leão são descendentes de poloneses. Gilberto ressalta que cultivam uma amizade diferente, “uma coisa mais de coração”.

A revelação sobre as preces dirigidas à mãe falecida surgiu depois que Gilberto me acompanhou numa visita ao cemitério local. Já havia me contado que, quando menino, fora devoto de Godoy. No trajeto, conversávamos sobre as crenças locais, quando me revelou que, em sua família, os santos católicos tinham perdido seu papel de intercessores e que os vínculos com os mortos tinham se fortalecido.

Gilberto - É, a gente rezava pra tudo. Não se tinha cuidado médico, não se tinha nada neste sentido, então [a oração] ajudava muito. Uma coisa que eu também noto hoje é que a fé tá meia... A gente vai na igreja, mas aquela reza pro teu santo particular, não. Nós observamos na família que nós rezamos mais para nossos familiares. Para minha mãe, que era uma pessoa muito importante, foi o esteio da família. Então, quando a gente tá com algum problema, fazia antigamente com o Godoy, reza para ela ajudar. Parece que funciona também.

- A fé mudou?

Gilberto - É, não sei se é a descrença, alguma coisa... porque essas coisas vêm de dentro da gente. E tem que acreditar que existe, e, acreditando que existe, tem que ser com uma pessoa que tu tenha realmente aquela confiança.

Em sua narrativa, há uma representação de que a fé religiosa é acionada interiormente pelo devoto, que a canaliza para seres nos quais deposita confiança, estabelecendo um novo tipo de vínculo. Em sua família, a reza aos tradicionais santos católicos ou as missas – que continua a freqüentar – não representam mais um porto seguro para os momentos de aflição ou de ajuda na superação de dificuldades. Godoy, o morto milagroso da localidade, chegou a cumprir este papel. Hoje, tal crença é preferencialmente voltada para o vínculo familiar, para a mãe falecida, como se ela, morta, significasse hoje um recurso tão ou mais poderoso do que representava em vida, por essa dimensão mágica a que certos mortos (os “mortos especiais”, como nota Brown, 1981) têm acesso. Trata-se de uma complexa conjugação em que, ao vínculo familiar de mãe e filho, não necessariamente desfeito com a morte materna, passa a ser adicionada uma nova relação, a de reciprocidade e de intercâmbio entre vivos e mortos. Na comparação com o culto aos mortos milagrosos desconhecidos, esta relação já engendra, de saída, a familiaridade, a afetividade e a confiança que aquela desenvolverá mediante ações recíprocas bem-sucedidas. Com o conforto adicional de que uma ocasional demora ao realizar o agradecimento ou ao cumprir a promessa não desencadeará punição do “outro mundo”, nem descobrirá a face possivelmente perigosa desses mortos cheios de sortilégios e mistérios.

Outra narrativa dizia respeito a um informante homem que, em situações de perigo, rezava e pedia proteção à sua mãe falecida. O ex-mineiro Alfredo, também devoto de Godoy, contou-me sobre uma situação na qual, diante da iminência de um desmoronamento no interior da mina, pediu proteção à sua mãe falecida. Acredita que foi isso que impediu que o acidente que sofreu não fosse mais grave. Embora tivesse sido atingido na cabeça

por um pedaço de uma grande pedra que desabou do teto da mina, não sofreu seqüelas: recuperou-se e voltou a trabalhar naquela atividade. Uma peculiaridade que aproxima o relato deste informante ao de Gilberto é que ambos consideram-se católicos e, no passado, fizeram promessas a Godoy, evidenciando que diferentes recursos são acionados em distintas situações. No entanto, há uma diferença: Gilberto recorre às preces à mãe falecida com regularidade, tendo deixado para trás o culto a Godoy. Já Alfredo tende a evocar a alma da mãe em situações extremas e continua a fazer outras promessas diante do túmulo de Godoy.

A temática do culto às almas familiares é intrigante e complexa. Conforme Duarte (2006: 16), “os parentes mortos, sobretudo os antepassados, têm um lugar privilegiado, mais claramente sagrado, do que os contemporâneos e vivos”. O autor ressalta que o sentimento de comunhão com os mortos pode se revestir de um caráter mais transcendente do que o que caracteriza a comunhão com os vivos. Como analisa Franco (2001), o culto a espíritos ou almas familiares pode ser considerado uma subdivisão do culto a mortos milagrosos, no qual os parentes vivos “solicitam favores e proteção aos mortos”. Coulanges (1954) evidenciou que, em Roma e na Grécia Antiga, se acreditava que os mortos habitariam uma região subterrânea, e que eles continuassem a necessitar de alimentos e bebidas. (Coulanges 1954: 16-17) Este cuidado então se tornou obrigatório, estabelecendo-se uma “religião da morte”, na qual os mortos tornaram-se sagrados. O antepassado continuava a fazer parte da família, ocupando-se das questões terrenas. Deve-se observar que esta “religião doméstica” só se transmitia de linha masculina a linha masculina (Coulanges, 1954: 39-43).

De outra forma, Taussig (1980), em sua etnografia sobre camponeses colombianos do Valle Cauca, mostrou que, naquele contexto, o culto aos espíritos familiares ou *ánimas* estava vinculado ao feminino. A cosmologia popular dos camponeses colombianos deriva da cosmologia da Igreja Católica, mas modificada pelas crenças nos espíritos de ancestrais e em forças espirituais. Esses espíritos ancestrais eram conhecidos como *ánimas* ou simplesmente como espíritos. Se fossem maus, habitavam o inferno ou vagavam pelo ar. Cada família tinha a sua *ánima*, que correspondia ao espírito da mãe de alguém ou da mãe dela, e atuava como uma intermediária em relação a Deus. Quando as pessoas se sentiam em perigo, pediam ajuda para as *ánimas*, que consideravam estarem mais próximas do povo. Também rezavam para os santos católicos, a quem se deve mais “respeito”, mas neste caso a intenção era pedir outras graças, como ganhar na loteria. Seus informantes diziam: “Os santos vivem na Igreja; as *ánimas* vivem conosco” (Taussig 1980: 104).

A relação de meus dois interlocutores de Minas do Leão com suas mães falecidas é a de um vínculo formado com uma alma feminina em função de sua centralidade nas relações familiares. No entanto, em várias tradições religiosas, o princípio feminino é considerado mais protetor que o masculino. É o caso, por exemplo, como indicou Nash (1972) e, posteriormente, analisou Taussig (1980), das minas bolivianas de estanho nas quais os mineiros cultuam a deusa da fertilidade ou Mãe da Terra, Pachamama (também Virgem da mina). No sistema de crenças dos mineiros bolivianos, Pachamama é intercessora junto à entidade principal, o Tio, que controla as minas, o mineral e a vida dos mineiros, e é representado por uma estátua do diabo. Ela pode intervir junto ao Tio para evitar tragédias, mas não está subordinada a ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos casos abordados, pode-se dizer que a expressão mais utilizada em Minas do Leão (RS) para a comunicação com Deus, com santos, com o morto milagroso local ou com almas familiares envolve o “pedido de ajuda”. Como foi dito, a mesma expressão – “pedir ajuda” – é adotada na relação com políticos e pessoas influentes, a quem se solicitam favores em troca de apoio. Na maior parte dos relatos, a “reza” está relacionada à formulação de “pedidos” ou “promessas”, embora possa ser também parte de uma devoção cotidiana. Neste universo, são principalmente as mulheres que mencionam os pedidos e promessas a santas católicas, tais como Santa Bárbara, protetora dos mineiros, e Nossa Senhora Aparecida, padroeira do município. Muitos homens declararam a sua fé e confiança especialmente em Santa Bárbara, mencionando o antigo hábito de rezar para a santa na entrada na mina, de “pensar” nela, de “se benzer”, de “conversar” com ela, mas não relataram nas entrevistas a existência de pedidos ou a realização de promessas que lhe fossem dirigidas. Uma exceção é o relato do ex-mineiro Osvaldo sobre a promessa que fez a Nossa Senhora Aparecida para que sua equipe de futebol varziana se tornasse campeã numa disputa importante.

Por outro lado, são homens os principais devotos de outros “mortos especiais” tais como Godoy, o “morto milagroso” local, e de almas familiares. Dois casos que encontrei diziam respeito a uma singular devoção à mãe falecida. É significativo que dois informantes que rezam atualmente para suas mães falecidas, pedindo “ajuda” ou “proteção”, no passado lançaram mão de promessas a Godoy. Mas se o recurso parece similar, o significado, o ritual e o conteúdo do pedido são diferentes.

Outro aspecto a se destacar é o da “amizade com Deus”, na forma pela qual o ex-mineiro Juca a concebe. Com as características de uma “religião pessoal” (James, 1995), trata-se de uma relação íntima, próxima, constante, mas respeitando as diferenças entre Deus e o devoto: aqui há um Deus visto como presente, solidário, mas que se mantém reservado e discreto. É um Deus bondoso, puro, mas que prefere o silêncio às preces ruidosas. Juca, o devoto, uma espécie de “herói da malandragem” no imaginário da localidade, é irreverente, crítico das religiões, porém atento e sensível às manifestações divinas, e temeroso dos fenômenos sobrenaturais. Entre o devoto e o sagrado há uma separação nítida, mas Juca acredita que é por intermédio da prece, da palavra dirigida a Deus¹, ou mesmo da “conversa com Deus” que o homem se conecta com o sagrado. No sistema de valores local, ganha centralidade a noção de “amizade”, o “crédito” e a “reputação” de uma pessoa, não apenas na sua relação com outros humanos, mas também com seres extraordinários, em suas diferentes acepções.

Marta Cioccarì é doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e docente-pesquisadora Prodoc-CAPES na mesma instituição.

NOTAS

- 1 Uma versão parcial e inicial deste trabalho foi apresentada no GT “Pessoa, família, ethos religioso” no 30º Encontro Anual da ANPOCS, em 2006, em Caxambu (MG), e beneficiou-se das observações dos debatedores e coordenadores. Algumas análises preliminares foram também exploradas em trabalhos de curso no Museu Nacional, UFRJ, em disciplinas coordenadas por Luiz Fernando Dias Duarte e Moacir Palmeira, professores aos quais sou grata pelas discussões e sugestões. Durante a condução desta pesquisa, contei com o apoio das agências CAPES e CNPq, às quais manifesto meu reconhecimento.
- 2 A investigação sobre religiosidade insere-se numa pesquisa mais ampla sobre a construção da heroicidade e da honra entre mineiros de carvão.
- 3 Duarte (2005) reflete sobre as implicações nesse horizonte de convivência ocidental moderno entre “religiões” no sentido literal, institucional, e “religiões” sem Igreja e sem “religiosidade” (entendida como algum tipo de atitude reverencial específica, voltada para um “outro mundo” ou uma “outra dimensão”).
- 4 A “religião pessoal” está relacionada a “disposições interiores do próprio homem que formam o centro de interesse, sua consciência, seus abandonos, seu desvalimento, sua imperfeição” (James 1995: 30).
- 5 Como afirma o autor, “toda prece é um ato, que implica um esforço, um dispêndio de energia física e moral em vista de certos efeitos” (Mauss 1909: 40).
- 6 A expressão é usada por Rita Segato (1997: 231), mais exatamente como “paisagens religiosas em trânsito” (religionscapes ou cultscapes), dizendo respeito à existência de conteúdos flutuantes, relacionados com uma diferença em relação a outros grupos que não encontra expressão nos léxicos habituais (étnicos, regionais, de classe, etc.) e passa a apresentar-se como opção religiosa. Aqui, adoto “paisagens religiosas” para referir-me à idéia de que este quadro que procuro captar só parece fixo neste enquadramento e, no entanto, não pára de se mover e se transformar.
- 7 O papel dos “cultos de aflição” já foi bem analisado por Mariz e Machado (1994: 141), baseando-se em Fry e Howe (1975).
- 8 A maior parte dos nomes de informantes é fictícia para preservar a sua identidade.
- 9 Deve-se considerar a análise de Duarte (1983) sobre a “pluralidade religiosa” e o modelo de religiosidade vigente entre as classes trabalhadoras urbanas e a forma como reagem à existência de um “mercado religioso”. O autor chama a atenção para que, ao se pesquisar a “religiosidade” nesses grupos sociais, se atente mais à sua vivência do que às regras implícitas e fórmulas convencionais que revestem a dimensão pública e institucional da vida religiosa (Duarte 1987: 203).
- 10 A proporção de católicos estimada pelo sacerdote é menor do que a média nacional verificada pelo Censo 2000 e também inferior às estimativas feitas em 2010. Conforme Gomes (2005: 4), seguindo dados do Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais (citados por Jacob 2003), nesta época 74% da população brasileira se classificava como católica. A projeção era de que em 2010 o número de católicos no país caísse a 65%, impulsionada principalmente pelo crescimento dos evangélicos.
- 11 A expressão “cunha” também é usada por informantes de Eckert (1985:238), em Charqueadas, significando geralmente algum mineiro bem relacionado que possa indicar o aspirante a uma vaga.
- 12 No Dicionário Houaiss (2001: 890), cunha é definida como “a peça de metal ou madeira dura, em forma de um prisma agudo em um dos lados, que se insere no vértice de um corte para melhor fender algum material, bem como para calçar, nivelar, ajustar uma peça qualquer”. É mencionado também o sentido popular de “arranjar um pistolão” para a expressão “meter uma cunha”.
- 13 Em Tzinzuntzan, México, o autor identificou ajudas mútuas entre os moradores através das relações de amizade e do compadrazgo, consideradas formas de apoio legítimas, com obrigações e expectativas. (Foster 1967: 216-217). Haveria dois básicos de padrões: seres humanos e seres sobrenaturais. Naquele contexto, estava presente a figura da palanca, um intermediário humano ou sobrenatural, que intercede pelo cliente junto ao patrão, assim como os santos em relação a Deus (Foster 1967: 225-230).
- 14 Conforme a hagiografia católica, Santa Bárbara, filha de pais pagãos, era muito bonita. Receando um casamento inadequado ou a influência do cristianismo (séc. III), seu pai construiu uma torre onde deixou a filha confinada. Ali, ela deveria receber os ensinamentos

determinados pelo pai. No entanto, Bárbara conhece o cristianismo e opta por segui-lo, recusando um casamento imposto pelo pai com um governador pagão. Esta atitude provoca a ira do pai que a mata com uma espada. O pai é, então, fulminado por um raio. Bárbara morre aos 20 anos (Eckert, s/d).

- 15 Ouvi um depoimento similar de um ex-mineiro marroquino que havia trabalhado nas minas de carvão da França. Eu conheci Abdel Affoun durante uma pesquisa de campo que realizei em 2008 em Creutzwald, a cidade que abrigou a última mina daquele país fechada em 2004. Filho de agricultor, nascido em 1949, no Marrocos, Affoun foi para a França em 1967 para trabalhar nas minas de Lens, no norte do país. Quando as minas daquela região foram fechadas, transferiu-se para a mina de Forbach, na Lorena. Contou que, um dia, recebeu uma “comunicação” de Deus, avisando que ele não fosse trabalhar. No mesmo dia, soube da tragédia que matou 22 dos seus colegas de mina e de turno. Depois disso, abandonou a profissão.
- 16 Circulam histórias de que alguém já teria visto, ao anoitecer, bolas de fogo no céu nas imediações onde morreu Godoy, sinalizando com o fantástico uma intensificação das crenças contidas nos lugares.
- 17 Como sugere James (1995), de que a religião envolve algo “solene, sério e terno”.
- 18 Mas somente para Nossa Senhora Aparecida, como mencionado antes.
- 19 A obra de Maître (1996) sobre Santa Terezinha é exemplar neste sentido.
- 20 O tema das devoções populares, envolvendo “mortos milagrosos”, é objeto de outras investigações na antropologia. Ver, por exemplo, os trabalhos de Martín (2005), Carozzi (2003) e Frade (1987).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAILEY, Frederick George. 1971. *Gifts and poison: the politics of reputation*. Oxford: Basil Blackwell.
- BASTIDE, Roger. 1975. *Le sacré sauvage*. Paris: Payot.
- BROWN, Peter. 1981. *The cult of the saints: its rise and function in Latin Christianity*. Chicago: The University of Chicago Press.
- CAROZZI, María Julia. 2003. "Carlos Gardel, el patrimonio que sonríe". *Horizontes antropológicos* 9(20): 59-82.
- CIOCCARI, Marta. 2006. "Do sangue e do sagrado: heranças e rupturas nos percursos religiosos de três famílias em uma comunidade de mineiros de carvão (RS)". *Anais do 30º Encontro Anual da ANPOCS*. CD.
- COULANGES, Fustel de. 1954. *A cidade antiga: estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma*. Lisboa: Livraria Clássica.
- DE CERTEAU, Michel. 1994. *A invenção do cotidiano: As artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. 1983. "Pluralidade religiosa nas sociedades complexas e religiosidade das classes trabalhadoras urbanas". *Três ensaios sobre pessoa e modernidade. Boletim do Museu Nacional* 41: 55-69.
- . 2005. "Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação". In L.F. D. Duarte et al. (orgs.) *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- . 2006. O Sacrário Original. Pessoa, Família e Religiosidade. *Comunicação apresentada na 25ª RBA*, Goiânia.
- ECKERT, Cornelia. 1992. "Passado e presente de devoção na padroeira dos mineiros de carvão. estudo da festa de Santa Bárbara no Brasil e na França". In S. Alves Teixeira & A. Pedro Oro (orgs.) *Brasil & França Ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- JAMES, William. 1995. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- FRANCO, Francisco. 2001. "El culto a los muertos milagrosos en Venezuela: estudio etnohistorico y etnológico". *Boletín Antropológico* 20(52): 107-144.
- FOSTER, George. 1967. "The Dyadic Contract: a model for the social structure of a Mexican peasant Village". In J. M. Potter et al. (orgs.) *Peasant Society: a reader*. Boston: Little Brown.
- FRADE, Maria de Cássia Nascimento. 1987. Santa de casa: a devoção a Odetinha no cemitério São João Batista. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. MN-UFRJ, Rio de Janeiro.
- MAÎTRE, Jacques. 1996. *L'Orpheline de la Bérésina. Thérèse de Lisieux (1873-1897). Essai de psychanalyse socio-historique*. Paris: Les Éditions du CERF.

MARIZ, Cecília & MACHADO, Maria das Dores. 1994. "Pentecostalismo e a redefinição do feminino". *Religião & Sociedade*, 17: 141-159.

MARTÍN, Eloísa. 2005. "'Esto no tiene nada que ver con religión!': acerca de las conceptualizaciones de 'religión' entre fans de Gilda, una cantante cultuada en un cementerio de Buenos Aires". Comunicação apresentada nas Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina. Porto Alegre: PUCRS.

MAUSS, Marcel. 1909. *La prière*. Paris: Félix Alcan.

———. 2001. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70.

MENEZES, Renata de Castro. 2004. *A dinâmica do sagrado*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

NASH, June. 1979. *We eat the mines and the mines eat us: dependency and exploitation in Bolivian tin mines*. New York: Columbia University Press.

PITT-RIVERS, Julian. 1971. "Friendship and Authority". In J. Pitt-Rivers (org.) *The People of the Sierra*. London: The University of Chicago Press.

SEGATO, Rita Laura. 1997. "Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização". In A. P. Oro; C.A. Steil, C A (orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes.

TAUSSIG, Michael. 1980. *The devil and commodity fetishism in South America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.

Do ofício, do sangue e do sagrado: uma análise sobre a religiosidade numa comunidade de mineiros de carvão

RESUMO

A partir de pesquisa etnográfica conduzida na comunidade de mineiros de carvão de Minas do Leão (RS), são analisadas neste artigo algumas formas de relação com o sagrado, envolvendo preces, pedidos e promessas. Neste universo, há a emergência de distintas crenças religiosas, tradicionalmente ligadas à busca de proteção contra acidentes na mina de subsolo, e que hoje encontram novas expressões nas relações sociais e familiares, por meio de ritos institucionalizados e desinstitucionalizados (Duarte 2005). Além de cultos evangélicos, afro-espíritas e católicos, há uma efervescência de “religiões pessoais” (James 1995), ancoradas numa devoção peculiar a Deus, a almas familiares e ao morto milagroso local.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; mineiros de carvão; religiões; sagrado.

Craft, Blood and the Sacred: An analysis about religion in a community of coal miners

ABSTRACT

From ethnographic research conducted in the community of coal miners in Minas do Leão (RS), in this article are analyzed some forms of relationship with the sacred, involving prayers, requests and promises. In this universe, there is the emergence of different religious beliefs, traditionally linked to the search for protection against accidents in the mine underground, which now find new expressions in social relations and family, through institutionalized and not institutionalized rituals (Duarte 2005). In addition to Evangelical worship, african-spiritualists and Catholics, there is an effervescence of "personal religion" (James 1995), anchored in a peculiar devotion to God, in familiar souls and to the miraculous local dead person.

KEYWORDS: Ethnography; coal miners; religions; sacred.

Recebido em 8/03/2011

Aprovado em 18/05/2011